

Resenha

DIAS, Juliana Braz; LOBO, Andréa de Souza (orgs.). *África em movimento*. Brasília: ABA Publicações, 2012. 300 pp.

*Victor Miguel
Castillo de Macedo
(UFPR)*

Resultado de um Seminário homônimo ocorrido em 2010, na cidade de Brasília, o livro *África em Movimento*, organizado pelas antropólogas Juliana Braz Dias e Andréa de Souza Lobo, reúne algumas das novas perspectivas antropológicas sobre o continente africano, produzidas em centros de pesquisa brasileiros. De acordo com as organizadoras há uma dupla intenção nesta coletânea de artigos. A primeira consiste em reunir diversos casos empíricos de fluxos e refluxos em realidades africanas, envolvidos em problemáticas contemporâneas e/ou históricas, permitindo uma delimitação das fronteiras que estruturam as dinâmicas sociais em questão. A segunda intenção, evidentemente vinculada à primeira, é trazer o método etnográfico para o debate, como ferramenta para a melhor compreensão destes fenômenos.

Certamente para os autores que compõem a coletânea, a potencialidade intrínseca a estes contextos de dinâmica, de rupturas contínuas e descompassos entre visões de mundo, traz diversas contribuições para o pensamento antropológico. As quatro partes que dividem o livro, acentuam os diacríticos dos relatos, os quais contribuem para a sua compreensão e, portanto, elas devem ser respeitadas em sua ordem. São elas: “Movimento como valor”; “Fluxos e Refluxos”; “Projetos Migratórios, Pertencimento e Exclusão”; e “Metodologias em Trânsito”. Os textos introdutórios das organizadoras e do antropólogo Wilson Trajano Filho descrevem e problematizam muitas das questões presentes nos relatos que seguem. O autor aponta ainda para quatro tipos de abusos nas análises de fluxos envolvendo o continente africano: as *ilusões presentistas* (:31) - esses abrem mão da perspectiva histórica que fundamenta e agrega diferentes sentidos aos movimentos; a ênfase na unidirecionalidade dos fluxos - como se o deslocamento de pessoas no sentido Sul-Norte não produzisse fluxos de objetos e valores no sentido Norte-Sul; a preeminência dos trabalhos com “fluxos intersocietários extremos (de larga escala)” (:33), que *per se* não constitui um abuso, mas para

Traiano Filho, o trabalho com pequenas escalas permite compreender como o movimento se apresenta enquanto uma categoria-valor, que explicita quais sentidos e concepções estão em jogo; finalmente, os sistemas incerciais, que inferem uma imobilidade do observador e de sua sociedade, como se o movimento, no caso, se limitasse a ocorrer na África - quando é necessária uma maior reflexividade em relação aos sistemas de referência utilizados. Esse breve agregado de “abusos” presentes em trabalhos com fluxos, termina ainda, apontando para o pequeno espaço, que o campo de estudos africanos tem na academia brasileira, questão que concerne também às novas gerações de pesquisadores com interesse no continente africano.

A primeira parte, “Movimento como valor”, indica um elemento presente em todos os relatos, qual seja, os sentidos, valores, concepções de mundo e sentimentos presentes nos fluxos, deslocamentos e migrações abordados. A proposta desta primeira sessão é interessante, sobretudo, porque congrega três trabalhos que lidam com o mesmo território nacional. São as diferentes formas de mobilidade de pessoas, objetos e formas de expressão, em Cabo Verde que são abordadas por João Vasconcelos, Andréa de Souza Lobo e Juliana Braz Dias. No texto de João Vasconcelos, “Manera, ess Muv?: a mobilidade como valor São Vicente de Cabo Verde”, observamos a operação de um jogo de espelhos, a partir das expressões literárias do arquipélago cabo-verdiano e os referenciais internacionais que constituem o pano de fundo de identificação nacional. Essa constante intermediária entre Europa e África, em que se situam os escritores de Cabo Verde mencionados no texto - Baltazar Lopes e Manuel Lopes - por um lado os aproxima de literatos de outras nacionalidades, como os brasileiros. Por outro lado, acrescenta o “movimento”, a mobilidade ou o fluxo, como um elemento central para a cabo-verdianidade. Estar fora, ser estrangeiro ou estar em movimento, é cumprir a *self-fulfilling prophecy* de São Vicente, aonde a mobilidade tem um valor moral positivo (:57). Dessa forma, o título do texto tem seu sentido explicitado: “Manera, ess muv?”, saudação comum em São Vicente que é traduzida em seu sentido simbólico pelo autor como “que tal, esse movimento?”. A mobilidade tem o seu valor moral ressaltado quando se traz a expressão antagônica *paród* ou parado. João Vasconcelos termina o texto apontando para o aspecto negativo e também constituinte do movimento, a *sodade*, ou o que no português se diz saudade. Logo, a mobilidade constitui um projeto ou um destino de saudade, como bem demonstra o autor, cantado e celebrado nas *mornas* cabo-verdianas.

A antropóloga Andréa de Souza Lobo apresenta em “Vidas em Movimento. Sobre mobilidade infantil e emigração em Cabo Verde” parte da pesquisa de sua tese de doutoramento. Sua discussão gira em torno da organização familiar na Ilha da Boa Vista, que compreende o fluxo migratório de mulheres cabo-verdianas para a Itália em sua maioria. Essas mulheres acabam por deixar companheiros e filhos em Cabo Verde, e é a partir deste fato que a autora explora a mobilidade interna na Ilha de Boa Vista. Assim a circulação das crianças, que ficam no país, entre as casas de parentes e conhecidos, opera conforme a perspectiva de Lobo como um elemento central para a reprodução social em pelo menos três âmbitos: no espaço doméstico, na construção das trajetórias individuais e na manutenção das ligações entre quem parte e quem fica no país. São redes de sociabilidade e solidariedade mantidas pelos elos/crianças. Elas contribuem na circulação local de informações e na feitura dos afazeres cotidianos, chamados de *mandados*, que por vezes são distribuídos conforme a idade e o gênero da

criança. Dada à ausência da mãe, e às vezes, também do pai, as crianças são cuidadas ou *aguentadas* (sinônimo de cuidar ou criar, no sentido cabo-verdiano) por adultos da família, ou conhecidos. A relação entre mãe, cuidadora e filho designa as aproximações e dá sentido ao valor dos movimentos em questão. A mobilidade, mais uma vez, aparece como valor diferenciante dos agentes. A circulação interna é necessária para o crescimento pessoal. Ela significa a aquisição de experiências que permitam que quando se saia do país, já adulto, se saiba aonde ir e como chegar. Dessa maneira, Andréa Lobo dá conta de compreender os sentidos presentes das diferentes engrenagens envolvidas na mobilidade, que compõe a estrutura familiar em Cabo Verde.

Após essas duas abordagens do mesmo fenômeno (a mobilidade como valor) no contexto cabo-verdiano, segue o trabalho de Juliana Braz Dias, “Música Cabo-verdiana, Música do Mundo”, no qual a antropóloga se debruça sobre a constituição da *morna*, a expressão musical e artística da mobilidade (que é em si mesma um valor em Cabo Verde). A autora chama a atenção para o papel de cantores cabo-verdianos como Cesária Évora, na construção de um espaço para esse gênero dentro da geopolítica global da produção musical. Ou em outras palavras, onde se encaixa a *morna*. Nesse contexto, conforme a autora demonstra, ela estaria associada ao gênero conhecido como *world music*. Assim, Dias apresenta algumas das limitações, dentro desse “gênero musical mundial” onde o *folk*, o étnico e o internacional são supostamente simetrizados. Após demonstrar em quais termos a *morna* é compreendida pelo mercado internacional, a autora busca apresentar como a mobilidade deste gênero cabo-verdiano, produz o valor do movimento na música de Cabo Verde. Desta forma, observa-se primeiramente, as matrizes culturais - africanas, portuguesas e brasileiras - que contribuíram para a formação deste gênero musical, em especial o *lundum*, trazido por escravos vindos do continente africano no século XVII. Conforme o país foi se modernizando, e se constituindo enquanto um porto necessário para viajantes vindos da Europa em direção ao Brasil ou à África, o estilo de música que se firmava na Ilha de São Vicente, que abriga alguns dos principais portos do arquipélago, circulava por entre as suas ilhas e os marinheiros de outras nacionalidades que ali passavam. Hoje a *morna* é reconhecida como um produto de exportação de Cabo Verde. Como a autora aponta as gravadoras de fora do país que se dedicam a gravação deste estilo musical, refletem grande parte da diáspora cabo-verdiana. Adentrando ainda, nas visões de mundo produzidas pelas mornas, Dias apresenta de que forma a mobilidade é representada nas suas diversas dimensões nas letras deste gênero musical. As referências à *sodade* vinculadas à necessidade de se partir (como Vasconcelos também demonstra), bem como os referenciais geográficos que são diferenciados e hierarquizados, segundo temáticas específicas. Assim, a *morna* opera como um meio privilegiado de circulação e reprodução da mobilidade enquanto um valor da cabo-verdianidade.

Em se tratando do valor dos “Fluxos e Refluxos” em questão, observamos na segunda parte do livro, as maneiras pelas quais deslocamentos e migrações são incorporados às imaginações e lógicas específicas. Esses movimentos dotados de historicidade remontam os períodos pré-colonial, colonial e pós-colonial em África. No texto “Gênero, Missão e Retorno: passado e futuro da Igreja Kimbanguista em Lisboa”, de Ramon Sarró e Joana Santos, nota-se como os três elementos que compõem o título (muito bem percebidos pelos autores) articulam as práticas e o simbolismo Kimbanguista. A partir de narrativas fundamentais como a de Mamá Mwilu e narrativas

particulares como a de Mamá F., os autores apontam para uma valorização do elemento feminino na constituição da cosmologia kimbanguista. Tanto em um caso como no outro, a agência feminina é tomada como elemento crucial para a manutenção da própria Igreja. Mamá Mwilu, esposa de Simon Kimbangu, líder espiritual deste credo, ficou responsável pela continuidade da religião, depois da morte do marido em 1951, no antigo Zaire, hoje República Democrática do Congo. Sua identificação dentro da teologia kimbanguista é com Maria, mãe de Jesus. A partir de eventos ocorridos com kimbanguistas angolanos que levaram o credo para Lisboa, os autores apresentam de que forma se deu a relação dos praticantes desta religião com o Estado português. Nesta relação, os kimbanguistas produzem uma narrativa de superação, onde seu modo de vida pacífico, na violenta periferia lisboeta, lhes dá uma legitimidade maior perante o Estado, que busca controlar conflitos étnicos e entre organizações criminosas. Esse reconhecimento se expressa na comemoração de Natal kimbanguista, que ocorre no dia 25 de maio, dia do nascimento do segundo filho de Mamá Mwilu, e reencarnação de Jesus Cristo. O evento já chegou a reunir kimbanguistas de outros países da Europa e conta com o apoio logístico do governo de Portugal. Sarró e Santos encontram três sentidos para a missão: no nível espiritual, a salvação através do kimbanguismo; no nível político, o reconhecimento da primeira igreja “verdadeiramente africana”; e no nível científico, a necessidade de se afirmar um conhecimento e uma ciência provenientes da África. Da mesma forma, o Retorno tem se tornado uma constante nos projetos dos kimbanguistas que residem na Europa, motivados principalmente pelas poucas oportunidades de emprego e sua subsequente marginalização. Simbolicamente retornar à África significa estar mais próximo dos ensinamentos de Kimbangu e Mamá Mwilu.

No texto “O Refluxo da Diáspora Africana em perspectiva: Angola, Benim, Togo, Nigéria, Gana, Libéria e Serra Leoa”, de Milton Guran, a análise se volta para os desdobramentos do retorno de ex-escravos africanos, que haviam sido deslocados para a América e para o Caribe, aos países africanos contemplados no título. Mais especificamente, o trabalho trata da constituição do espaço social dos Agudás, entre os daometanos no Benim. Essa designação é usada para distinguir aqueles que vieram do Brasil. Desde o século XIX esse grupo tem um papel destacado na vida econômica e política beninesa. Do período do auge da escravatura, até o início da volta de numerosos contingentes de escravos, a presença brasileira esteve bem demarcada. Para bem exemplificar, Guran se volta ao caso do ‘Chachá’ Francisco Félix de Souza, brasileiro – filho de pai português e mãe indígena do Brasil - que se instalou no território como traficante e graças a um pacto numa disputa pelo poder daometano, filiou-se de maneira prestigiosa dentro daquele reinado. Seu papel político foi de extrema importância, pois contribuiu para mediar às relações entre daometanos, brancos e brasileiros (ex-escravos). O autor apresenta como a memória deste brasileiro é re-valorizada e reconhecida pelas autoridades daometanas contemporâneas, através de rituais televisionados pela rede de comunicação nacional, explicitando o reconhecimento destes brasileiros dentro da cultura do reino do Daomé e deste reinado dentro da diversidade cultural do Benim.

O texto que finaliza esta parte do livro se intitula “Uso e Abuso do Afro do Brasil na África”, escrito pelo antropólogo Lívio Sansone. Nele, voltamos ao contexto cabo-verdiano, mas sob a perspectiva das implicações e consequências das relações Sul-Sul. Se em uma reflexão anterior o autor apresentou o “Uso e abuso da África

no Brasil”, sua análise neste texto percorre as invenções do jogo da economia política das tradições folclóricas, ressaltando aspectos de uma economia baseada no turismo. A partir do caso da elevação da Cidade Velha a Patrimônio Mundial, o autor observa como o passado da escravidão foi sendo agenciado pelos operadores do Ministério da Cultura cabo-verdiana, como elemento que faz parte das raízes da cultura nacional. Em outro momento, o antropólogo demonstra como o uso das expressões e constructos afro-brasileiros é parte deste mesmo agenciamento. Pode-se citar o exemplo do carnaval de Mindelo, que está em diálogo com Salvador e com o Rio de Janeiro. A produção da “afro-cabo-verdianidade” passa pela mesma lógica utilizada na reivindicação da afro-brasileiridade. É neste sentido que a própria capoeira se popularizou em Cabo-verde. Mediante este contexto de produções e reproduções culturais, o autor conclui algumas mudanças responsáveis por essa configuração de relações: O trânsito sul-sul já não se restringe a missionários, antropólogos ou diplomatas, novas motivações - como as culturais aqui apresentadas - atraem novos atores para esse tipo de relações; as tecnologias comunicacionais e o surgimento da internet; o fortalecimento de instituições que amparem e divulguem o patrimônio material e imaterial; o amadurecimento das instituições democráticas; e a crescente influência do Brasil, e outros países como Angola, no território cabo-verdiano.

A terceira parte do livro se intitula “Projetos Migratórios, Pertencimento e Exclusão” e inicia com o relato “Os “Chineses” da Beira, Moçambique. Itinerários de uma dispersão”, de Lorenzo Macagno. O artigo percorre desde a incorporação dos chineses que viviam na cidade da Beira - província de Sofala - ao discurso lusotropicalista que marcou os períodos finais da colonização portuguesa, Nesse contexto, o autor aponta as implicações identitárias da diáspora. Os primeiros imigrantes chineses chegaram ao país na segunda metade do século XIX, através da atividade de exploração das Companhias Majesticas. Neste período o domínio colonial se espalhava pelo território que hoje o conforma. A segunda geração experimentou um tipo de progresso em relação à primeira, por não trabalhar nessas grandes Companhias. Por causa da guerra sino-japonesa, por volta de 1930, parte dos familiares destes chineses em Moçambique - originários de Guandong, no sul da China - se juntou aos que já haviam migrado. Conforme o autor demonstra, as atividades destes chineses giravam em torno de seus clubes e associações, e dentro destes, ressaltam-se as atividades esportivas, que renderam notoriedade para estes sino-moçambicanos. Logo entre os anos 1950 e 1960, começam a surgir na mídia impressa, os atributos legados aos chineses, pelos portugueses. Notas “elogiosas” nos jornais, atribuem repetidamente a simpatia como característica principal destes chineses, o que foi compreendido por Macagno como um esforço de adulação, ou a *construção colonial da simpatia*. O autor relata também, o momento da visita de Gilberto Freyre à Beira, na qual o brasileiro, maravilhado, sugere a semelhança entre brasileiros e chineses, ou pelo menos estes chineses. Essa proximidade exótica construída pela situação colonial, na qual adulação e reconhecimento compunham o mesmo movimento, desfaleceu assim que os revolucionários da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) tomaram o poder. Como muitos destes sino-moçambicanos haviam lutado nas frentes de combate da metrópole, a derrocada exigiu que eles se dispersassem. A grande maioria migrou para a cidade de Curitiba, no Brasil, havendo também outros destinos, como Portugal, Austrália, Canadá e Estados Unidos. Alguns daqueles que foram entrevistados pelo antropólogo em Curitiba, onde residem ainda

hoje, afirmam essa pertença múltipla, africanos, de origem chinesa, nacionalidade portuguesa e naturalizados brasileiros. Anos depois, a *narrativa de decepção*, ressaltada por Macagno, residiria no não reconhecimento da nacionalidade portuguesa a alguns destes que arriscaram sua vida pelo regime colonial em Moçambique. No artigo seguinte Kelly Silva retoma alguns dos questionamentos apontados por Lorenzo Macagno. A autora intitula sua leitura de “Sobre Pretéritos e Afetos, algumas inquietações e provocações”, onde aborda também o filme *Terra Sonâmbula* de Teresa Prata - inspirado na obra homônima de Mia Couto. Kelly Silva potencializa o relato anterior e pontua algumas das ambiguidades e instabilidades que a “mudança social” compreende. Entre elas, o estímulo e o controle, concomitantes da circulação de pessoas. A autora chama a atenção para a necessidade de a antropologia abordar esse tipo de processo identitário e a negociação de afetos que ele produz.

O trabalho de Pilar Uriarte Bálsamo, “Diáspora Africana e Navios de Carga na Modernidade: um estudo das migrações irregulares desde a África Ocidental ao Cone Sul”, trata de um tipo distinto de migração. São jovens da Nigéria, conhecidos como *polizones*, que entram clandestinamente em navios de carga. A autora busca contrapor a experiência de seus interlocutores com parte da literatura sobre os trânsitos sul-sul, apresentando os meandros e dificuldades destes casos específicos e evitando modelos explicativos. Um ponto importante indicado por Uriarte Bálsamo é como a ideia de risco aparece como um elemento constitutivo da vinda destes jovens nigerianos para a América do Sul, mais especificamente, para o Uruguai. Esse deslocamento clandestino, além das próprias condições, as quais os migrantes se submetem, contém diversas situações de perigo e opressão propiciadas pelos transportadores, bem como os membros dos navios. A tensão se estende também na contradição entre Estado (leis de migração e recepção de imigrantes ilegais) e projetos de ascensão social que passam pela necessária ultrapassagem das fronteiras nacionais. Para além das diferenciações geográficas, a autora consegue compreender os lugares enquanto pontos de significado, como, por exemplo, a Europa apresenta-se acima do Uruguai (América Latina) na hierarquia de destinos e oportunidades.

Essas questões retornam na última parte do livro, “Metodologias em Trânsito”, no artigo de Claudia Bongianino, Denise da Costa e Sara Morais, intitulado “Para Ultrapassar o Mar”. O texto retoma o artigo de Uriarte Bálsamo, no sentido de apontar as possíveis convergências que a leitura da autora possa ter com as situações apresentadas no filme *Bako, l'autre rive*, de Jacques Champreaux (1978). O ponto das autoras é justamente a possibilidade de se produzirem diferentes formas narrativas, acerca de contextos semelhantes de deslocamento. E enquanto um desafio para a antropologia - e para os antropólogos - a dor demanda uma maior sensibilidade, tanto para sua compreensão como para sua transcrição. A aproximação da produção antropológica à produção fílmica pode trazer novos desdobramentos e caminhos para a abordagem destas situações violentas.

O antropólogo Antonio Motta, no texto que segue, “Da África em Casa à África fora de casa (Notas de uma exposição em trânsito)”, sugere outra forma de diálogo para as questões antropológicas. A partir de questionamentos museológicos o autor apresenta uma breve reflexão sobre uma discussão cara aos antropólogos brasileiros que trabalham com o continente africano, qual seja, os descompassos entre as apropriações de África por *afrodescendentes* e o que é o continente para os *estudantes africanos*. Durante uma exposição organizada

por ele, sobre a presença africana no Brasil, as tensões entre representações afro-brasileiras da África e aquelas dos próprios africanos, evidenciaram alguns destes descompassos. Ficou claro que o interesse dos movimentos negros brasileiros pela África é maior do que de pessoas dos países africanos em relação ao Brasil. Outro aspecto é o constructo idílico e ideal que brasileiros produzem do continente e seus países, segundo o qual a etnicidade é sempre exacerbada e a importância é justificada pela compreensão dos povos africanos enquanto *elemento constitutivo* do Brasil. Assim, os objetos e elementos que compõem o dia a dia de africanos no Brasil, não conferiam com as expectativas afro-brasileiras, conforme descrito por Motta. As justificativas e os argumentos mobilizados, reiteram a riqueza dos mundos africanos.

O último texto desta coletânea é “Um Livro de Boa Fé? A contraditoriedade do presente na obra de Henri-Alexandre Junod (1898-1927)”, de João de Pina Cabral, trata de um autor clássico na literatura sobre África, mais conhecido como Henri Junod. Como o romance do escritor apresenta concepções e leituras que não são observáveis na sua extensa produção etnográfica, Cabral utiliza como proposta metodológica a contraposição de dois estilos narrativos de Junod. Utilizando-se também de elementos biográficos, Pina Cabral demonstra como o viés cristão de Junod, não pode ser sublevado. Assim, contradições da vida em África, de seus afetos e concepções se evidenciam, num empreendimento em que formas narrativas, de um mesmo autor são comparadas.

O esforço das organizadoras em reunir tão distintas - ainda que consoantes - narrativas sobre o *movimento* em África é de extremo valor, para antropologia brasileira e africana. E quem sabe no futuro próximos antropólogos do continente africano possam falar também do valor do movimento ou da mobilidade para os brasileiros, ou ainda comentar produções como esta e seus desdobramentos.